

V Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas



LUSOCONF 2023

LIVRO DE ATAS **Proceedings**

Editores:

Carla Sofia Araújo
Ana Paula Monte
Paula Odete Fernandes
João Sérgio Sousa
Vitor Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança
julho de 2024

Ficha Técnica

Título

LUSOCONF2023

V Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas

Editores

Carla Sofia Araújo

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Ana Paula Monte

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Paula Odete Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

João Sérgio Sousa

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Vitor Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Capa

António Meireles e Vitor Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Suporte técnico

Clarisse Pais, Serviços de Documentação e Bibliotecas, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Edição

Instituto Politécnico de Bragança

Campus de Santa Apolónia

5300-253 Bragança

Portugal

Data de edição: julho de 2024

ISBN: 978-972-745-328-3

DOI: 10.34620/978-972-745-328-3

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/25534>

URL: www.lusoconf.ipb.pt

Email: lusoconf@ipb.pt

Literatura infantil cabo-verdiana: memória em *a cruz do Rufino* de Fátima Bettencourt

Cape Verdean children's literature: memory in *a cruz do Rufino* by Fátima Bettencourt

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz^{1[0000-0001-5694-5781]}

hluz@fcsh.unl.pt

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa⁷⁸

Resumo. Pretendemos, com este artigo, abordar a literatura infantil cabo-verdiana. Neste sentido, faremos uma breve abordagem da memória da história de Cabo Verde na obra *A Cruz do Rufino* de Fátima Bettencourt. Trata-se, portanto, de uma abordagem que se inicia com um enquadramento do conceito de leitura, seguida de uma breve reflexão sobre a literatura infantil e da recuperação da narrativa “O Lobo e o Chibinho” publicada na revista *Claridade*; também faremos o mapeamento da dita literatura desde o seu início até ao ano de 2020, uma abordagem da obra *A Cruz do Rufino* de Fátima Bettencourt e apresentaremos algumas conclusões finais.

Palavras-Chave: Cabo Verde, Fátima Bettencourt, literatura infantil, leitura, memória.

Abstract. With this article, we intend to address Cape Verdean children's literature. In this sense, we will make a brief approach to the memory of the history of Cabo Verde in the work *A Cruz do Rufino* by Fátima Bettencourt. It is, therefore, an approach that begins with a framework of the concept of reading, followed by a brief reflection on children's literature and the recovery of the narrative “O Lobo e o Chibinho” published in *Claridade* magazine; We will also map the said literature from its beginnings to the year 2020, an approach to the work *A Cruz do Rufino* by Fátima Bettencourt and present some final conclusions.

Keywords: Cabo Verde, Fátima Bettencourt, children's literature, reading, memory.

1 Breve enquadramento do conceito de leitura

O presente artigo procura argumentar a literatura infantil cabo-verdiana. Para o efeito, partimos da releitura de trabalhos já escritos sobre a referida literatura infantil, no geral, para depois entrarmos na literatura cabo-verdiana, em particular. Assim, tendo como principal propósito divulgar a literatura infantil cabo-verdiana, devemos dizer que a leitura não é apenas um procedimento, como alimentar e descansar. Por isso, é de capital importância que haja algum conhecimento da escrita nas suas vertentes práticas e estéticas. Ela recebe intromissões constantes dos ganhos dos leitores, dado os automatismos e práticas individuais. (Aguiar, 2004). Sendo assim, na perspetiva de Rigoletto e Giorgi “formar um leitor significa proporcionar-lhe condições para que ele descubra novos sentidos a cada leitura. [...]. Da mesma forma que a história da literatura começa nas primeiras manifestações de comunicação e expressão dos homens, a história de cada leitor inicia-se quando, ainda, bebé, ele escuta histórias de embalar”. (p. 2). Para Aguiar (2004), já citada, “a importância de ler, pois, dos primeiros contactos com a palavra é fundamental para a formação da sensibilidade linguística, isto é, a capacidade de prestar atenção nos sons e nos sentidos, no ritmo e na melodia de cada frase que ouvimos ou, depois, lemos, vai, gradativamente, nos aproximando do texto escrito em todos os suportes e da literatura, especialmente”. (p. 22).

⁷⁸ CHAM e Departamento de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa

Esta citação mostra-nos a importância da família na formação dos leitores, através do incentivo dos pais, irmãos e outros adultos com quem as crianças convivem no seu dia a dia, já que elas precisam de exemplos que as possam instigar a prática constante da leitura. Neste sentido, é fundamental que essa prática ocorra em grupo, visando a partilha de experiências, de livros e de reflexões sobre os textos lidos. (Aguiar, 2004). Para o efeito, a escola e os professores têm, igualmente, um papel primordial nesse processo, visto que muitas das crianças só têm acesso aos livros no meio escolar, onde também podem beneficiar de diferentes modelos de leituras com impacto no seu desenvolvimento cognitivo. (Aguiar, 2004). Deve ter-se em consideração o conteúdo dos livros que elas leem ou vão ler, visto que, segundo Souza (1992) “a leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjugação de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias”. Ler, segundo o próprio, “é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade”. (p. 22).

É por essa razão que Silva (2016) ao citar Castro considera que “a literatura infantil concede autonomia às narrativas fantásticas, em que tudo pode vir a acontecer, nas quais se permite a mistura do real e o ilusório fugindo-se, às vezes, do limite da realidade, dando vida a um universo mágico e fantasioso que agrada ao público mirim e, ao mesmo tempo, auxilia no desenvolvimento cognitivo, linguístico e social da criança”. (p. 13).

Dada a importância da leitura em tenra idade da criança, Coelho (2000) apresenta cinco tipos de leitores que, com base em Silva (2016), resumimos da seguinte forma: (1) pré leitor - criança que ainda não tem a competência de descodificar a linguagem escrita; (2) leitor iniciante - a criança começa a tomar contacto com a escrita; (3) leitor em processo - fase em que a criança já domina o mecanismo da leitura; (4) leitor fluente - fase em que a criança consolida o domínio dos mecanismos do ato da leitura; (5) e, por fim, leitor crítico – fase de total domínio do processo de leitura.

2 Literatura infantil: recuperação da narrativa “O Lobo e o Chibinho”

A conceção de literatura infantil surgiu a partir do momento em que se passou a diferenciar uma criança de um adulto, fazendo com que passasse a haver uma certa preocupação com o público infantil aquando da produção literária. Desta feita, esta conceção tem vindo a ajudar na educação do indivíduo, através do seu desenvolvimento cognitivo e emocional, justificando a adequação do conteúdo ao nível de compreensão da criança, conforme referimos anteriormente. No caso de Cabo Verde, a literatura infantil ganhou “ênfase” em 1936, através da revista *Claridade*, visto que sistematizou a investigação cultural, antropológica, literária e histórica sobre Cabo Verde. (Lima, 2022). Neste sentido, Lima (2022) considera que:

Nessa publicação pioneira, Baltasar Lopes com “Infância” inaugurou a narrativa voltada para o público infantil, no também primeiro romance caboverdiano (*Chiquinho*), em forma de pequena narrativa cuja personagem principal é uma criança. Nesse conto fundador são citados dois outros personagens que apreciam contar histórias, *Nha Rosa Calita* e *Nhô Quirino*, representantes da palavra falada na tradição africana, como Nei Lopes e Luiz António Simas desenvolveram em *Filosofias africanas* (2020). (p. 174).

Ainda, neste âmbito, foi publicada, na revista, uma narrativa oral de cariz identitária “O Lobo e o Chibinho”, uma versão do conto popular de S. Nicolau, nas páginas 8 e 10 do n.º 2. Relata a história de Lobo e Chibinho num ano em que não choveu em Cabo Verde, dando origem à um grande período de seca, conforme aconteceu em muitos períodos da história do arquipélago. Ti Lobo, um personagem mentiroso, andava muito magro dada a falta de comida. Estando pelo campo à procura de alimento que lhe pudesse tirar a fome, foi à uma fonte onde projetou encontrar uma “chibarrinha”, ou seja, um cabritinho (cabrito) perdida/do da mãe. Não tendo essa sorte, encontrou o seu compadre Chibinho, que, segundo o conto, “estava muito pachá a gozar a sobra de uma empena de barranco. Ti Lobo esbugalhou os olhos” e disse ao seu compadre que ele se encontrava “gordo, bonito” e que tinha o ar de quem “tinha comido há pouco” tempo. Chibinho percebeu a sua intenção e tentou esconder o sítio onde andava a comer por não confiar nele. Após ter percebido o desespero do seu amigo, contou-lhe que o motivo da sua boa disposição estava num pé de figueira onde diariamente ia comer figos. Disse-lhe para também ir, mas mediante o seguinte juramento: “- Quando você [estiver] a subir na figueira você diz: *figueirinha*,

tic, tic e a figueirinha sobe; quando você estiver farto e quiser descer, você diz: *figueirinha ñai, ñai*, e ela desce. “ (*Claridade*, 1936, p. 9). Esfomeado, Ti Lobo enfiou “um barbatão” e disse o que lhe foi recomendado. Comeu muito. Lembrou-se que já podia descer, mas, sendo um personagem mentiroso e que não suscitava nenhum tipo de confiança, desistiu e resolveu comer para a mãe e avô, para o pai e avô e todos os parentes. Quando se deu conta que já não tinha mais parentes para comer, resolveu descer, só que se esqueceu do que devia dizer: “se *tic, tic, se ñai, ñai*. À toa disse: / - *Figueirinha, tic, tic!* A figueira subiu. Mas Ti Lobo testudo e tornou a dizer: / - *Figueirinha, tic, tic!*”. (*Claridade*, 1936, p. 9). Ela continuou a subir até chegar ao céu. Nossenhô (Deus) perguntou-lhe o que havia lá ido fazer e ele respondeu-lhe com uma mentira, que foi rapidamente descoberta. Com pena dele, Deus, resolveu mandá-lo de volta para a terra, mas mais uma vez Ti Lobo manifestou o seu lado mentiroso e esfomeado ao comer uma pele que, por duas vezes, Deus lhe deu para ir lavar. Numa terceira vez, após ter resistido ao desejo de a comer, levou-a bem lavada. Deus fez-lhe um “tamborinho” e o orientou da seguinte forma:

- Ti Lobo, agora vais descendo o caminho para a Terra e levas este tamborinho. Quando chegares lá em baixo tocas o tambor e eu então, vendo que chegaste, largarei a corda com que te vou prender pela cintura. Mas tem cuidado e não toques o tambor pelo caminho, porque, se eu ouvir o toque, faço de conta que chegaste e largarei a corda e tu darás uma grande queda que te matará. / Ti Lobo saiu do céu e veio descendo. Quando já estava a meia ladeira encontrou uma mulher que levava uma travessa cheia de batancas. / A mulher disse-lhe: / - Ti Lobo, que tamborinho tão bonito que você está levando! / Ti Lobo ficou todo vaidoso e arrotou três vezes. A mulher tornou a dizer-lhe: / - Ti Lobo, você toque um bocadinho, porque deve ser muito doce o toque do seu tamborinho... (*Claridade*, 1936, p. 9).

Ti Lobo respondeu-lhe dizendo que só o deveria tocar quando chegasse à terra, um propósito que não cumpriu em troca das “batancas” da mulher, já que, após alguma insistência, ele aceitou a sua proposta, ou seja, tocou o “taborinho” e Deus, ouvindo o seu toque, “fez de conta que ele tinha chegado à Terra e largou a corda que o sustinha pela cintura. Imediatamente Ti Lobo [...] ficou em pedaços” (*Claridade*, 1936, p. 9), ou seja, Ti Lobo acabou por morrer, por causa da sua ganância e falta de respeito pela palavra dada. Deste modo, as narrativas de tradição oral que são aproveitadas na literatura infantil cabo-verdiana têm sempre uma moralidade, conforme ficou exposto no resumo do conto que aqui apresentamos aos leitores. Ora, a tradição oral, muito presente na literatura infantil, é definida por Vansina (2010) como sendo “um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas”. (pp. 139-140). Já para Bâ (2010):

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspetos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo – e pode desconectar a mentalidade cartesiana acostuada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. Fundada na iniciação, e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade. (p. 169).

Desta feita, a literatura infantil assume capital importância no desenvolvimento intelectual da criança. Ela deve ser trabalhada através dos pressupostos: “como forma fundamental de comunicação artística entre individualidades e como instrumento de formação da consciência de autor e leitor na criança”. (Giroto & Souza *in* Azevedo & Souza, 2012, p. 39). Assim, de acordo com Held (1980):

A criança, por muitas razões, torna-se aquilo que fazemos dela, evolui em função do alimento que lhe propomos. Seguramente, o adulto que despreza a criança e faz dela imagem simplista, torná-la-á tal como a vê. Mas não é certo que qualquer educador que gosta da criança, que a escuta, que lhe responde, que confia nos germes que estão nela, poderá desenvolver muito cedo, espantosamente cedo, humor, ironia, espírito crítico, verdadeira capacidade humana de reflexão. (p. 229).

A literatura infantil deverá ser remetida para uma dupla função: “o de objetivação humana, capaz de possibilitar a ampliação das referências infantis; o do diálogo e da interação entre indivíduos – autor

e leitor, que, de facto, enriqueça as vivências que a criança já tem como sujeito”. (Azevedo & Souza, 2012, p. 40). Nessa linha de pensamento, Azevedo e Souza consideram que:

Desconsiderar o caráter educativo que possui o livro infantil é algo ingénuo se se acreditar que a Educação é um fenómeno presente em qualquer situação formal ou informal, em que crianças e/ou adultos estejam em interação. Partindo desse princípio, o livro constitui-se numa objetivação, entre outras tantas objetivações humanas – entendidas como criações ou transformações histórico-socialmente produzidas – que, ao ser apropriado pela criança, traz consigo elementos consecutivos de todo o processo histórico, formador do autor, da obra enquanto tal e do próprio leitor. (Azevedo & Souza, 2012, p. 40).

O livro infantil acaba por assumir a função de concretização humana capaz de intermediar uma interlocução entre a criança e o autor, levando Bakhtin (1995) a referir que: “Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior” (pp. 147-148). Desta feita, é fundamental que se tenha em consideração que um livro para que seja pedagógico não precisa ser escrito com esse propósito, já que toda a obra é em “última instância formadora da consciência daqueles que dela se apropriam” (Azevedo & Souza, 2012, p. 41), sendo que o adulto ocupa o papel de intermediário entre a criança e a obra a ser lida.

2.1 Mapeamento da literatura infantil em Cabo Verde: do início a 2020

A literatura infantil cabo-verdiana, conforme aludimos antes, teve início com a revista *Claridade*, com a publicação nas páginas 2, 3 e 7 do n.º 3 da *Claridade* de “Infância”, extrato de obra *Chiquinho* de Baltasar Lopes e ganhou ênfase depois da autonomia do arquipélago, conseguida no dia 5 de julho de 1975, sendo que foi intercalada pela publicação da obra *O Dragão e Eu* (1945), por Henrique Teixeira de Sousa, que tem como personagem principal, um menino que abandonou os estudos para trabalhar, um acontecimento muito característico da época, e *Narrativas e Contos Cabo-verdianos* (1968), de Manuel Bonaparte Figueira. Nesta senda, também podemos sublinhar o conto “O Lobo e o Chibinho”, igualmente publicado na revista *Claridade* e que teremos a oportunidade de abordar mais à frente.

Posteriormente foram publicados: *Chibinho* (1979), do Ministério da Educação de Cabo Verde (formato de revista infantil); *Girassol: revista infantil* (1979); *A História de Blimundo* (1982), de Leão Lopes (conta a história do boi Blimundo que apresenta versões que diferem de ilha para ilha); *Folha a Folha* (1987), de Orlanda Amarílis e Maria Alberta Menéres; *Falécias e Peripécias* (1990), de Orlanda Amarílis; *Uma Aventura em Cabo Verde* (1990), de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada⁷⁹; *Canções Infantis* (1991?), de Margarida Brito; *As Ilhas da Outra Face da Luz* (1992), de Luísa Queirós; *Aventuras de Chibim e Tilobo- 1- A Família do CHIBIM* (1995), de Jorge Octávio Soares Silva; *Histórias que eu contei e Poemas* (1996), de Mizé Costa; *A Cruz de Rufino* (1997), de Fátima Bettencourt; *A Tartaruguinha* (1997), de Orlanda Amarílis; *A Estrelinha Tlim Tlim* (1998), de Dina Salústio, em coautoria com a Marilene Pereira; *Vamos Conhecer Cabo Verde* (1998), de João Lopes Filho; *SAARACI o último gafanhoto do DESERTO* (1998), de Luísa Queirós; *UNINE* (1998), de Leão Lopes; *A Fuga: estória em banda desenha e O Namoro: estória em banda desenhada* (1999), de Óscar Alves; *Enfants de L’Atlantique – de Madère au Cap-Vert* (1999), de Raphaëlle Bergeret; *Estórias de Encantar* (2000), de Herminia Curado Ferreira; *Futcera ta Cendê na Rotcha* (2000), de Ivone Aida; *Bentinho Traquinas* (2000), de Marilena Pereira; *Dona Sani [s/d]* de Marilena Pereira; *O Caracol Julião* (2001), de Graça Matos Sousa; *A Ilha do Rei Titão* (2000), de Leopoldina Barreto; *O Monstrinho da Lagoa Rosa* (2001), de Graça Matos Sousa; *1, 2, 3*, (2002), de Marilena Pereira; *O Meu Amigo Monte Verde* (2002), de César Silva; *O Que os Olhos não Vêem* (2002), de Dina Salústio e Marilena Pereira; *Minguim: o pirata* (2003), de António Luís Rodrigues; *A Magia das Palavras* (2003), de Hermínia Ferreira; *Princesa Laginha* (2003), de Ineida Kénia Brito; *Le Fantome du Bagne* (2003 e 2006), de Jean-Yves Loude; *Comandante Hussi* (2003), de Jorge Araújo; *Trópico delle Ombre* (2004), de Cláudio Comini e Orazio Minneci; *Lobu, Xibinhu ku Nha Tia Ganga* (2005), de Nicolas Quint, Laurant Quinte e Mitos Elias; *Lobu ku Xibinhu kun Nhordés* (2005), Aires Semedo; *Estória, Estória* (2005), de Celina Pereira; *La Dernière Colere de Sarabura* (2005), de Muriel Bloch; *As Mãozinhas da Criança* (2005),

⁷⁹Nem todos os autores da literatura infantil cabo-verdiana são naturais do país.

da Câmara Municipal de São Vicente; *As Aventuras de Nhu Lobu: tabesuras di Nhu Lobu* (2006), de Armindo Martins Tavares, Nicolas Quint & Laurent Quint; *Capitão Farel* (2006), de Leão Lopes; *Pinok e Baleote* (2006), de Miguel Horta; *Cinco Balas Contra a América* (2007); de Jorge Araújo; *Gó ki Pórka dja Torsi Rábu* (2008); de Aires Semedo; Nicolas Quint; *Kuza-m-Kuza? (Cape Verdean Children's Riddles)* (2008), de J.J.R. Pires, John Hutchison e Ulisses Goncalves; *Aventuras da Cidade Velha* (2008), de Marilena Pereira; *Os Segretos Acrobatas* (2008), de José Luiz Tavares; *Mam Bia Tita Contá Estória na Criol* (2009), de Ivone Ainda; *Cinco Balas Contra a América* (2009), de Jorge Araújo; *Á Bolina ao Redor Natal* (2009), de José Luiz Tavares; *Mãe, Conta-me uma História* (2009), de Natacha Magalhães; *A Greve dos Animais* (2009), *A Sopa da Beleza* (2009), *O Reino das Rochas* (2009) e *A Princesa do Mês de Agosto*, ambos da Coleção *Stêra*, de Zaida Sanches; *Lobu ku Xibinho* (2009), de Eurico Fernandes e Mário Tavares; *Quando eu For Grande: peripécias em Cabo Verde* (2010), de Evelina Ferreira; *Marianinha* (2010), de Giselle Neves; *Arca do Bronzé* (2010), de José Luiz Tavares; *História de Cabo Verde: a tartaruga Luana e a passarinha Luna* (2011), de Ivete Livramento Santos; *Tenpo di Dilubri* (2011), de José Luiz Tavares; *Meus Vizinhos Passarinhos* (2011), de Marilena Pereira; *Un Conte du Cap Vert* (2012), de Muriel Bloch; *Prispinhu* (2013), de Antoine de Saint-Exupéry; *O Gatinho Medroso* (2012), de João Lopes Filho; *Largo Winch 1- ADERU* (2012), de Jean Van Hamme; *Largo Winch 2- GRUPO W* (2012), de Jean Van Hamme; *O Pirilampo e a Libélula* (2013), de Carmelinda Gonçalves Abu-Raya; *Stória, Stória: contos tradicionais de Cabo Verde – ilha do Fogo* (2014), de Helena Centeio; *Outras Pasárgadas Mim* (2014), de Mana Guta; *Histórias Portuguesas e Cabo-verdianas para as Crianças* (2014), de Fernando Vale; *Sete Contos ao Luar e Outras Estórias* (2014), de Natacha Magalhães; *O ET* (2015) e *O Espantalho* (2015), de Carmelinda Gonçalves Abu-Raya; *História de Palmo e Meio* (2015), de Ana Maria Carvalho Furtado; *A Fita Cor-de-Rosa* (2015), de Odair Varela e Rogério Rocha; *Contos Tradicionais da CPL [áudio-livro]* (2015), de Celina Pereira, José Afonso e Sydney Cerqueira; *O Melhor Amigo, Florizanda* (2015), de Delgado Porto; *Macela de S. Nicolau, [s/d]*, de César Silva; *O Espantalho* (2016), *A Cada Bruxa a sua Vassoura!* (2016), *Bullying* (2016), de Carmelinda Gonçalves Abu-Raya; *Império da Fantasia: aventuras no reino da luz magenta* (2017), de Débora Cristina; *Tufas, a Princesa Crioula: aprendendo as palavras mágicas* (2017), de Dai Varela; *O Mistério da Cidade Velha* (2017), de Marilena Pereira; *Unine: continuação* (2017), de Merit Ganeto; *A Viagem mais Fantástica do Mundo* (2017), de Natacha Magalhães; *Tufas, Princesa Crioula: a caixa das desculpas* (2018) e *Tufas, Prinséza Krióla: kaxa de desculpa* (2018) e *Tufas, Prinséza Krióla: Ta prenê kis palavra májike* (2018), de Dai Varela; *A Feiticeira de Fonte Lima* (2017), de Abrão Vicente; *A Sereia Mânica* (2018), de Celina Pereira; *Karaka* (2018), de Carmelinda Gonçalves Abu-Raya; *Ariel* (2018), de Glória Sofia; *Camões Crioulo e as Histórias das Ilhas* (2019), de Mana Guta; *O Primeiro Cancioneiro Infantil “Vamos Cantar na Escola”* (2019), da Associação para a Promoção do Património Educacional – Cabo Verde (ASPPEC); *Un Bes Tinha Nhu Lobu ku Xibinho* (2020) e *Un Bes Tinha Nho Lobu ku Tubinho* (2020), de Humberto Lima. (Varela, 2016).

3 A Cruz do Rufino: memória

A presente obra, da autoria de Fátima Bettencourt, foi ilustrada por Felipe Alçada e é uma edição da Embaixada de Portugal em Cabo Verde e do Centro Cultural Português Praia-Mindelo. Corresponde à Coleção de Livros Infantojuvenis e foi impresso e encadernado pelo *Printer Portuguesa e Indústria Gráfica Lda*. Embora não numerada, tem 22 páginas e conta com o apoio da *XIII Feira do Livro Português em Cabo Verde*. Trata-se de um conto que se inicia com a escritora explicando aos jovens leitores a história da sua escrita, admitindo que escreve há muitos anos e que este representa o primeiro conto infantil da sua autoria.

Segundo a própria, o processo da sua escrita aconteceu de forma natural e resultou de uma brincadeira que teve com a sua filha. Ela, saindo da escola, deu-lhe a conhecer um anúncio de um concurso de “textos lançado pela Embaixada de Portugal inserido nas comemorações do dia 10 de junho, Dia de Camões, de Portugal e da Comunidades” (Bettencourt, 1999, p. [2]), sendo que o vencedor ganharia uma viagem a Portugal. Na sequência, incentivou a filha a concorrer, mas ela preferiu ir “para uma aula de ginástica”. (Bettencourt, 1999, p. [3]. Também refere que os ilhéus que nunca tenham estudado a história de Portugal terão algumas dificuldades para compreender o conteúdo do livro, mas que ficaram curiosos e, conseqüentemente, levantaram muitas questões e, com isso, passaram a conhecer “melhor o povo que achou e povoou” o arquipélago de Cabo Verde (Bettencourt, 1999, p. [3]).

Assim, começa o conto referindo que Rufino perdeu a mãe Djódja, uma mulher bonita, ainda muito cedo e que dela apenas “guardava uma vaga recordação e um crucifixo de madeira negra, sem Cristo e suspenso do pescoço por uma tira de papel”. (Bettencourt, 1999, p. [4]). Não conheceu o seu pai. O povo acreditava que tenha sido “um marujo loiro que passara pelo porto e morrera numa briga no Lombo”. (Bettencourt, 1999, p. [4]). A própria admite que essa paternidade não pode ser confirmada por haver outras versões. Lela, um pescador que adotou Rufino, não parava de falar da sua mãe, por quem teve um amor não correspondido.

Criado na Praia de Bote, no Mindelo, ilha de S. Vicente, Rufino “era menino de todos os pescadores”. (Bettencourt, 1999, p. [4]). Djosa (Gregório) era quem tomava conta dele quando Lela ia pescar. Num dia de distração, Rufino ficou a dormir “dentro de um bote amarrado a um dos coqueiros da praia”. Estando na Baía do Porto Grande, viu uma bola de fogo ao longe, próximo do Monte Cara, “uma elevação, com 490 metros de altitude, a oeste desse porto. A sua designação advém do facto de possuir um recorte que nos remete para um rosto humano olhando o céu. Também já teve a denominação de Washington ou cabeça de Washington” (Luz, 2023, p. 216). Ora, tendo sido chamado por uma sereia, Rufino “deu-lhe a mão e partiram mar fora”. Aquando dessa viagem, encontraram “mil peixes, baleias, tubarões, cavalos marinhos, conchas e búzios de estranhos feitios”, além de terem enfrentados uma grande tempestade. Deixaram-se com o barco do Diogo Gomes, um dos descobridores de Cabo Verde, e a sereia pediu ao Rufino para lhe mostrar o caminho. Veja-se a seguinte passagem:

Um marinheiro apareceu agarrado a uma corda, perscrutou a bruma e respondeu:

- Sou Diogo Gomes mais os meus homens. Apanhamos uma tempestade numa vista e estamos sem água nem comida. Estamos desesperados. Não sei que contas prestar ao Rei de Portugal.

E a sereia, amável:

- Ah! Vocês são portugueses! Então não são estranhos, são amigos. Sejam bem-vindos ao meu reino.

E voltando-se para Rufino:

- Mostra o caminho ao amigo Diogo.

[...]

- Diogo segue esta cruz que ela nunca falha.

(Bettencourt, 1997, p. [15]).

Esta passagem mostra-nos que Fátima Bettencourt, recorrendo à memória, recupera a história do descobrimento de Cabo Verde, ao incluir o Diogo Gomes no conto, já que, segundo a dita história, ele se encontrava com o António da Nali aquando do seu descobrimento em 1460. (Luz, 2013). Similarmente inclui um temporal, numa tentativa de recuperar a memória coletiva cabo-verdiana envolto a esse descobrimento, uma vez que também se fala num temporal que desviou os navegadores da sua rota, fazendo com que tivessem tido a oportunidade da proeza da descoberta. Merece destaque o facto de a autora ter problematizada, no início, o nome do pai do Rufino. Ela fala num homem, não natural de Cabo Verde, que entrou através do Porto Grande do Mindelo, como dissemos antes, com o propósito de mostrar a diversidade de pessoas e culturas que passaram pelo país, sobretudo Mindelo e que tiveram uma participação ativa no seu povoamento e também na mescla humana, conforme Jorge Barbosa aborda no poema “Ilhas”, dedicado ao seu amigo Jaime de Figueiredo: “Todos passaram / - Chineses, Negros, Americanos, Holandeses – / Todos passaram / e deixaram, / por acaso, / a sua raça no ventre das meretrizes do porto...”. (Barbosa, 2002, p. 37)

Esta obra dá a conhecer aos “pequenos leitores” a história do descobrimento do arquipélago de Cabo Verde e o processo de mestiçagem ocorrida no país, através de uma abordagem baseada no Rufino, que, esquecido numa praia, acaba por dormir e sonha com uma sereia que o coloca na rota do referido Diogo Gomes:

Rufino acorda, estremunhado, esfrega os olhos e olha para Mano Léla à Luz duma lamparina de petróleo amparada do vento por uma lata velha.

E começa a falar dumas coisas que para o velho pescador não faziam o menor sentido:

- Onde está a minha amiga Sereia?

- E os navegadores que apanharam o Temporal?

Mano Lela não entende nada e, colocando-lhe a mão na cabeça num gesto repassado de ternura, diz-lhe:

- Sabes, Rufino, acho que apanhaste muito sol que não te fez bem. Estás a *falar só paracisma*. (Bettencourt, 1997, pp. [16.17]).

4 Conclusões

Procuramos, com esta reflexão, abordar a literatura infantil cabo-verdiana. Começamos por fazer um enquadramento e apresentamos um mapeamento das origens ao ano de 2020. Por fim, apresentamos uma breve reflexão sobre a obra *A Cruz do Rufino* de Fátima Bettencourt, em que os leitores podem encontrar alguns reflexos da memória histórica do arquipélago de Cabo Verde, nomeadamente a inclusão do Diogo Gomes como um dos seus descobridores.

Agradecimentos

Este artigo insere-se no âmbito do Projeto *Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro* (PTDC/LLT-LES/0858/2021), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Referências

- Aguiar, V.T. (2004). A formação do leitor. In Ceccantini, J; Pereira, R. & Júnior, J. Zancheta (Or), *Pedagogia cidadão: cadernos de formação (língua portuguesa)*, 2 vol. (pp. 17-30). São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação.
- Azevedo, F. & Souza, R. J. de. (2012). *Géneros textuais e práticas educativas*. Lisboa-Porto: LIDEL.
- Azevedo, F. (2006). Literatura infantil e mediação leitora. In Azevedo, F. (Coord.), *Língua materna infantil: elementos nucleares para professores do ensino básico*. Lisboa-Porto: LIDEL.
- Azevedo, F. (2006). Literatura infantil, recepção leitora e competência literária. In Azevedo, F. (Coord.), *Língua materna infantil: elementos nucleares para professores do ensino básico*. Lisboa-Porto: LIDEL.
- Bâ, A. H. (2010). A tradição viva. In Ki-zerbo, J.(coord.), *Metodologia e pré-história da África, história geral da África, vol. 1* (pp. 167-2012). Brasília: UNESCO.
- Bakhtin, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Barbosa, J. (2002). *Obra poética* (org. de Arnaldo França & Elsa Rodrigues dos Santos). Lisboa: INCM.
- Bettencourt, F. (1999). *A cruz do Rufino*. Praia-Mindelo: Embaixada de Portugal em Cabo Verde / Centro Cultural Português.
- Held, J. (1980). *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus.
- Lima, N. (2022). Zaida Sanches e o conto infantil em Cabo Verde. Literatura moderna infantojuvenil nos países africanos de língua oficial portuguesa: ficção, teoria, crítica e historiografia. Acedido em 22 de junho de 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/hluz3/Downloads/69438-252794-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/hluz3/Downloads/69438-252794-1-PB%20(1).pdf).
- Lopes, N.& Simas, L. A. (2020). *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Luz, H. C. R. da. (2013) *O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa*. Tese de Doutoramento: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa.
- Luz, H. C.R. da. (2023). Mapeamento da presença de Henrique Teixeira de Sousa no Cabo Verde boletim de propaganda e informação. In Rodrigues, L.F.M; Luz, H. C. R. da & Timbane, A. A. (2023). *O cabo-verdiano e o português em convivência: descrição, ensino, literatura e cultura*, 1.ª ed. (215-222). Belém-PA: Home Editora.
- O LOBO E O CHIBINHO (Conto popular de S. Nicolau)* (1936). *Clairidade: revista de arte e letras*, 2, pp. 8 e 10.
- Rigoletto, A. P. C. & Giorgi, C.A.G. di (2012). Leitura compartilhada: quando pais e professores participam da formação de jovens leitores. In Azevedo, F. & Souza, R. J. de. *Géneros textuais e práticas educativas* (pp. 1-15). Lisboa-Porto: LIDEL.
- Simões, R. & Azevedo, F. (2009). O menino escritor ou a arte de escrever sobre a escrita. In Azevedo, F. & Sardinha, M. da. G. In *Modelos e práticas de literacia* (pp. 89-97). Lisboa-Porto: LIDEL.
- Souza, R. J. de. (1992). *Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam*. Bauru: USC.
- Tavares, J. de C. F. A importância da literatura infantil na educação de infância. 2010. (Monografia) - Universidade de Cabo Verde, 2010. Acedido em 30 de junho de 2023. Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2131/1/monografia.pdf>.
- Tinto da Silva, J. de L. (2016). *Literatura infantil: o desenvolver da aprendizagem em crianças na escola Anayde Beiriz*. Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4318/1/JLTS28112016.pdf>.
- Vansina, J. (2010). A tradição oral e sua metodologia. In Ki-zerbo, J.(coord.), *Metodologia e pré-história da África, história geral da África, vol. 1* (pp. 139-166). Brasília: UNESCO.
- Varela, D. (2016). Lista completa dos livros para infância de Cabo Verde. Acedido em 22 de junho de 2023. Disponível em: <http://daiavarela.blogspot.com/2016/07/listacompleta-dos-livros-para-infancia.html>.